

Educação e lazer: um olhar relacional
Education and leisure: a relational look
Educación y ocio: una mirada relacional

Recebido: 12/10/2020 | Revisado: 14/10/2020 | Aceito: 19/10/2020 | Publicado: 21/10/2020

João Enzio Gomes Obana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5615-6376>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

E-mail: enzioobana@gmail.com

Carmen Célia Barradas Correia Bastos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8570-1655>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

E-mail: carmencbcb@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo apresenta rápidas reflexões sobre a possibilidade de uma integração entre educação e lazer como ciências complementares entre si, de modo a proporcionar um melhor aproveitamento dos estudos e reflexões propostas por alguns estudiosos, lazer como instrumento de construção de cidadania. Objetivando aos professores uma possibilidade de reflexão em torno do tema procurando pensar possibilidades de aplicação em sua atividade cotidiana de sala de aula sem no entanto, apresentar receita. Diferente do vulgo comum, o lazer vai muito além do que um simples, porém necessário, momento de descanso, o lazer pode e deve ser apreciado como um importante veículo de educação, que atende integralmente as propostas apresentadas pela legislação brasileira. Para tanto este estudo foi construído metodologicamente de modo qualitativo em um contexto de Pesquisa Ação em sua primeira parte e uma pesquisa bibliográfica em sua segunda parte.

Palavras-chave: Educação; Lazer; Autonomia.

Abstract

This article presents quick reflections on the possibility of an integration between education and leisure as complementary sciences, in order to provide a better use of the studies and reflections proposed by some leisure scholars as an instrument of building citizenship. Aiming at teachers a possibility of reflection around the theme trying to think about possibilities of

application in their daily classroom activity, without, however, presenting prescriptions. Unlike ordinary people, leisure goes far beyond a simple, but necessary moment of rest, leisure can and should be appreciated as an important educational vehicle, which fully meets the proposals presented by Brazilian legislation. To this end, this study was constructed methodologically in a qualitative way in a context of Action Research in its first part and a bibliographic research in its second part.

Keywords: Education; Leisure; Autonomy.

Resumen

Este artículo presenta rápidas reflexiones sobre la posibilidad de una integración entre educación y ocio como ciencias complementarias, con el fin de dar un mejor aprovechamiento de los estudios y reflexiones propuestos por algunos estudiosos del ocio como instrumento de construcción de ciudadanía. Apuntando a los docentes una posibilidad de reflexión en torno a la temática intentando pensar en posibilidades de aplicación en su actividad diaria de aula, sin, no obstante, presentar prescripciones. A diferencia de la gente común, el ocio va mucho más allá de un simple pero necesario momento de descanso, el ocio puede y debe ser apreciado como un importante vehículo educativo, que responde plenamente a las propuestas presentadas por la legislación brasileña. Para ello, este estudio se construyó metodológicamente de forma cualitativa en un contexto de Investigación Acción en su primera parte y de investigación bibliográfica en su segunda parte.

Palabras clave: Educación; Ocio; Autonomía.

1. Introdução

A educação brasileira possui uma dinamicidade continental, pela própria extensão do território brasileiro e principalmente por sua gigantesca diversidade cultural, porém, ao se conversar com professores e demais profissionais da educação em qualquer nível, desde a educação básica até a pós graduação, alguns problemas são recorrentes e quando se procede a leitura de textos que hoje poderíamos chamá-los de antigos, percebe-se que continuam bem atuais.

É necessário concordar que ainda apesar de tantos estudos e milhares de páginas escritas, necessitamos repensar a compreensão sobre a prática pedagógica que adotamos em nosso dia-a-dia de sala de aula, uma verdadeira releitura dos diversos mecanismos educacionais que utilizamos em nosso cotidiano.

Neste sentido, talvez não necessitemos de inovações “miraculosas” que sejam apresentadas como mágicas para solucionar a falta de interesse dos educandos em querer aprender o que os professores se propõem a ensinar.

Nestas reflexões, procuramos descrever cenários conhecidos por qualquer agente educacional e depois, buscando em pensadores de base da ideia de lazer, para convidar a todos a um revisitado destas propostas teóricas de lazer como veículo privilegiado de educação como prática positiva e necessária para o aprendizado, sendo portanto o lazer um veículo e um objeto de educação.

Desse modo, vejamos como lazer e educação podem ser muito mais que brincar em sala de aula.

2. Metodologia

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. [...] Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. (Freire, 2011)

Muito lúcida a observação de Freire (2011) ao inseparar a condição de professor à de pesquisador, isto quer dizer que a prática cotidiana do professor deverá ser sempre uma análise constante de dados e resultados observacionais de sua atividade in/out sala de aula, porém, para que se obtenham uma análise consistente de sua vivência, necessário se faz estipular metodologias adequadas à cada momento reflexivo/pragmático, posto que o “Método é o caminho para se realizar alguma coisa e quando se tem o caminho, torna-se mais fácil realizar viagens sabendo onde se está e aonde se quer chegar e como fazê-lo (Pereira [et al.], 2018, p. 67), desde e geralmente inicialmente as pesquisas bibliográficas que no dizer de Koche (2011, p. 122):

A pesquisa bibliográfica é a que se desenvolve tentando explicar um problema, utilizando o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros ou obras congêneres. Na pesquisa bibliográfica o investigador irá levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua

contribuição para auxiliar a compreender ou explicar o problema objeto da investigação. O objetivo da pesquisa bibliográfica, portanto, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa. (Koche, 2011, p. 122)

Neste momento, tanto construímos os conteúdos que serão trabalhados durante as aulas, quanto os conhecimentos adequados para a obtenção dos resultados pretendidos, que vão desde a memorização das informações, até o não tão simples despertar o interesse do educando para posteriores aprofundamentos destas mesmas informações.

Com esta etapa vencida, parte-se para a chamada parte (pesquisa) experimental. Durante as aulas:

[...] o investigador analisa o problema, constrói suas hipóteses e trabalha manipulando os possíveis fatores, as variáveis, que se referem ao fenômeno observado, para avaliar como se dão suas relações preditas pelas hipóteses. Nesse tipo de pesquisa a manipulação na quantidade e qualidade das variáveis proporciona o estudo da relação entre causas e efeitos de um determinado fenômeno, podendo o investigador controlar e avaliar os resultados dessas relações, tal como o fez Rosenberg em sua investigação sobre a imunoterapia adotiva para o tratamento do câncer. (Koche, 2011, p. 122)

Durante esta etapa, surgem muitas vezes a possibilidade dos estudos de caso, que segundo Pereira (2018), é “[...] uma descrição e análise o mais detalhada possível de algum caso que apresente alguma particularidade que o torna especial. Sob o título EC se incluem muitos estudos que forma uma gama de variedades.” (Pereira [et al.], 2018, p. 66).

Nessa perspectiva, os métodos qualitativos, quantitativos, que são:

Os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo. Neles a coleta de dados muitas vezes ocorre por meio de entrevistas com questões abertas. (Pereira [et al.], 2018, p. 67)

Nos métodos quantitativos, faz-se a coleta de dados quantitativos ou numéricos por meio do uso de medições de grandezas e obtém-se por meio da metrologia, números com suas respectivas unidades. Estes métodos geram conjuntos ou massas de dados que podem ser analisados por meio de técnicas matemáticas como é o caso das porcentagens, estatísticas e probabilidades, métodos numéricos, métodos analíticos e geração de equações e/ou fórmulas matemáticas aplicáveis a algum processo. (Pereira [et al.], 2018, p. 69)

Este estudo e resultado foi construído a partir da convivência dos autores com o ambiente de sala de aula onde se aplicou entrevistas semiestruturadas, aplicadas de modo informal a alunos de diversos níveis de ensino, principalmente aqueles que eram indicados pelo

conjunto dos professores como alunos com dificuldades de aprendizado e que por conseguinte não rendiam o esperado, bem como aos professores que faziam esta identificação.

As entrevistas visavam identificar o grau de satisfação dos alunos diante dos professores e das suas metodologias. Outro objetivo era comparar o rendimento dos alunos entre as diversas matérias.

Para este estudo, selecionou-se casos de alunos do Ensino Médio de escola particular localizada em cidade do interior do Rio Grande do Norte e alunos de Ensino Fundamental de escola pública do interior de Rio Grande do Sul.

Não é objeto deste estudo, a apresentação dos dados reflexivos resultantes da análise efetuada mas, chamar a atenção para cenário reconhecido por boa parte dos profissionais da educação (em qualquer nível) e propor um convite à reflexão em torno do pensamento de estudiosos do lazer.

Deste modo, este estudo foi construído metodologicamente de modo qualitativo em um contexto de Pesquisa-Ação (Tripp, 2005), em sua primeira parte e uma pesquisa bibliográfica em sua segunda parte.

3. Reflexões Discursivas

3.1 Um olhar educativo sobre a vivência educacional

Temos então – costumes de pensar o seguinte sobre esta matéria, se é verdade o que dissemos: a educação não é o que alguns apregoam que ela é. Dizem eles que arranjam a introduzir ciência numa alma em que ela não existe, como se introduzissem a vista em olhos cegos... (Platão, 2000, p. 213)

Platão (2000, p. 213), ao analisar a forma como os seus contemporâneos educavam, promove uma crítica à educação de sua época baseada no pressuposto de que educar é apenas a introdução de conhecimentos onde eles não existem, o que semelhantemente Freire denominou de educação bancária (Freire, 2011), na qual o professor deposita o conhecimento na cabeça do educando. Partindo destas reflexões, temos a pretensão da formação de um olhar sobre a educação brasileira alicerçado nos princípios da Constituição Federal Brasileira de 1988 e da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 20 de dezembro de 1996. A partir deste olhar, iniciaremos analisando a finalidade da educação brasileira proposta por estes documentos e como se faz necessária a reavaliação da concepção de lazer como instrumento de consolidação destas finalidades, estendendo este olhar sobre alguns casos ilustrativos. Nosso

objetivo neste artigo é a análise sobre as vivências educacionais praticadas nas escolas particulares como ambientes despolitizantes e desestruturadores da consciência de ser do cidadão.

Contudo, antes de qualquer reflexão em torno da educação devemos partir de um ponto, de um referencial; como citado anteriormente, usaremos dois referenciais que se complementam entre si, o primeiro é a Constituição Federal do Brasil de 1988 e o segundo, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. A Constituição Federal de 1988 é atualmente um dos referenciais de cidadania e vivência da dignidade do ser humano. Sua promulgação representou teoricamente para os brasileiros a possibilidade de uma liberdade sem peias, e através dela, a educação alcançou um lugar de destaque. Chalita ao analisar os artigos relativos à educação nos esclarece que:

A Constituição de 1988, assegura igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola; a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar toda a produção artística, intelectual; a valorização da autonomia e da participação popular; a consagração ao princípio de um país plural que convive com todo o tipo de cultura e manifestação popular. Sem medo de ser diferente e com orgulho de suas peculiaridades culturais. (Chalita, 2001, p. 103)

Apesar das dificuldades para a execução prática de seus princípios, podemos perceber, através do olhar de Chalita, que a Constituição não se prende apenas a um saber escolar vedado aos brasileiros que possuem menos posses e sim, a todos os cidadãos de nosso país, assim observemos o que diz o Art. 205 da Constituição Federal:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, de seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Constituição Federal do Brasil, 2020, p. 13)

A educação, desse modo, é apresentada como um dos prováveis caminhos para a formação do indivíduo, neste aspecto vemos o Inciso III do Art. 1º desta mesma Constituição que nos fala da dignidade da pessoa humana, ao tratar de seus fundamentos essenciais, privilegiando a educação, colocando-a como uma das alternativas para a formação da dignidade da pessoa humana. O outro texto jurídico que analisa as finalidades da educação no Brasil é a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que trata das diretrizes e bases da educação brasileira, mais conhecida como LDB, traz em seus primeiros artigos a seguinte notação:

Art. 1º ‘A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e a organização da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Art. 2º ‘A educação dever da família e do Estado inspirada nos princípios de liberdade, nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB, 1996. P. 7)

Compreendemos, assim, ao refletirmos sobre os artigos da LDB, bem como da Constituição, que a educação é apresentada não apenas como um processo que se restringe simplesmente ao ambiente escolar, mas em todos os lugares onde as pessoas possam relacionar-se de modo saudável, e permitir-se aprender umas com as outras; desde um conhecimento técnico, onde o professor de Química durante suas aulas ensina as interações atômicas, até ao jovem que ensina outro jovem os primeiros passos de uma dança durante momentos de lazer. Desse modo, podemos extrair quais são as finalidades da educação, sendo: 1º - O pleno desenvolvimento da pessoa (Constituição Federal), do educando (LDB), do ser humano, o que significa uma formação integral do ser; 2º - Seu preparo para o exercício da cidadania; e 3º - Sua qualificação para o trabalho.

Analisemos a partir deste ponto a - em nosso entender - principal finalidades da educação, que é o desenvolvimento total do ser humano, de forma consciente e feliz¹; pois, somente assim formaremos o cidadão atuante na sociedade e um profissional de sucesso, independente de sua área de atuação. Deste modo, entendemos que somente com a efetivação da primeira finalidade da educação, as outras poderão ser otimizadas. Para ilustrarmos a necessidade de uma formação do ser humano como pressuposto básico para formação de um profissional de sucesso, destacamos o caso citado por Antunes:

Marcelo foi sempre uma criança *brilhante*². Aos cinco anos era motivo de orgulho dos pais e *exibição da família* por ser capaz de identificar num álbum de figurinhas todos os dados científicos sobre mais de 250 animais apresentados. Ao passar pela Educação Infantil, mostrava conhecimentos de um garoto de oito anos. Embora não fazendo amigos e revelando-se uma criança pronta para o choro a qualquer pretexto, ganhava sempre todos os prêmios que sua escola propunha aos que melhor aprendiam. Sua passagem pelas séries do Ensino Fundamental e do Médio foi marcada pela aura de *gênio*, e após as provas todos os colegas buscavam em suas respostas o parâmetro do certo e do errado. Viveu com plena intensidade esse brilhantismo nos anos do Ensino Médio, e embora não tivesse namorada e sempre fosse esquecido para as festinhas e reuniões alegres, vivia cercado de colegas nas épocas dos temidos *Provões*. Pressionado

¹ Entendemos como ser humano consciente, aquele que se reconhece como ser integrante e atuante no grupo social ao qual faz parte.

² Grifos do original.

pelos amigos, fez um cursinho preparativo por fazer e, literalmente, *arrasou* no vestibular. Concluiu seus estudos superiores, depois de saltar malucamente de um curso universitário para outro, e com bolsas de estudo por méritos, acabou fazendo sua pós-graduação, primeiro em Barcelona, depois em Nova Iorque. Quem se lembra de Marcelo hoje em dia? Não muitos. Os colegas de seu tempo que ainda têm informações falam sempre de um adulto desajustado, de um *gênio* frustrado que atirou pela janela, emprego após emprego e que, depois do terceiro, entregou-se às drogas, entupindo-se, primeiro de cocaína, depois de crack, morreu sem glória e martirizado, apesar de seu elevadíssimo QI. (Antunes, 1999, p. 22)

O que justifica pessoas como Marcelo serem tão frágeis emocionalmente e apresentarem inteligência em altos índices? De acordo com a primeira finalidade da educação que se refere ao pleno desenvolvimento da pessoa humana, percebemos em Marcelo uma certa deficiência de relacionamento consigo mesmo ou com as outras pessoas.

Em nossas reflexões durante nossa trajetória como pesquisadores, observamos vários exemplos semelhantes desta situação de uma não formação do ser humano de forma integral, para ilustrar, lembramos do caso icônico.

Ouro³ adolescente de 13 anos, estudante do primeiro ano do ensino médio, esperta, brincalhona, inteligente, extremamente sociável e baixinha⁴. Uma excelente educanda considerada por todos uma aluna “nota 10”, pois aprendia tudo de forma fácil. Certa feita, foi mal numa prova, e ao questionar o professor Chumbo a respeito de sua nota, o mesmo ironizou-a afirmando: “- Estude um pouco mais sua nanica”, segundo nos relatou Ouro, o tom de deboche da expressão contaminou os colegas de turma e todos a estereotiparam de forma quase automática como “baixinha pouco inteligente”. Segundo nos informou: “- Professor, fiquei tão envergonhada que não consegui olhar mais para a cara de ninguém, tive vontade de desistir de estudar, mais a direção me ajudou muito na época. Assim mesmo fiquei muito ruim, mais hoje estou melhor!” A partir daquele momento, Ouro retraiu-se. Em sala, não mais participou das atividades, o caso não se tornou mais grave pela atuação quase que imediata das coordenadoras e de outros professores; apesar de todos os esforços para melhorar sua auto estima, não foi mais a mesma, não possuía mais aquele brilho no olhar que antes a caracterizava⁵. Fatos como este ainda são comuns em muitas escolas de nosso país, isto ocorre porque a sociedade brasileira, desde a muito, impôs um padrão de inteligência para os estudantes, que está baseado no QI, Quociente de Inteligência, que segundo Antunes:

³ Para preservar a integridade pessoal, usaremos pseudônimos em todos os relatos.

⁴ 1,41 mt.

⁵ Depois deste caso, Chumbo não trabalhou mais na escola, em conversa informal nos relatou que: “- Não tinha tido a intenção de menosprezar ou humilhar a aluna, mas já tinha acontecido, não tinha mais o que fazer!”.

Analisando de maneira sucinta as raízes biológicas da inteligência, descobre-se que ela é produto de uma operação cerebral⁶ e permite ao sujeito resolver problemas e, até mesmo criar produtos que tenha valor específico dentro de uma cultura. Dessa maneira, a inteligência serve para nos tirar de alguns ‘apertos’ sugerindo opções que, em última análise, levam-nos a escolher a melhor solução para um problema qualquer. Desse modo, quanto maior for a capacidade de resolver-se estes problemas, maior será o quociente de inteligência QI. (Antunes, 1998, p. 11)

Antunes nos apresenta o conceito de QI como a capacidade de resolver problemas: contudo, percebemos que bastou uma nota baixa e o estigma de QI baixo foi direcionado para Ouro, aliado à sua baixa estatura.

Instituições de ensino no Brasil durante o século XX parece-nos conforme o que averiguamos ao pesquisarmos em bibliografia específica sobre a História da Educação no Brasil (Aranha, 2006), exaltou em demasia a terceira finalidade da educação, neste sentido tem priorizado a formação técnico-científica visando à qualificação do educando para sua inserção no mercado de trabalho, sendo assim tem observado determinados aspectos pessoais, como a valorização dos citados QIs altos, de notas estratosféricas. Fazendo um paralelo entre Marcelo e Ouro, fica clara esta situação. Ambos não foram privilegiados com uma educação visando a formação do ser humano de forma integral, o que os ofereceriam qualificações para o enfrentamento das situações experimentadas. Contudo, Marcelo tornou-se aluno modelo por possuir QI alto e Ouro devido um momento que poderíamos denominar de inusitado recebeu o estigma de QI baixo.

O educando passou a ser medido através de um valor numérico – a nota – conforme averiguamos nestes exemplos não importa o ser humano, ocorrendo um processo de mecanização do educando. Chalita ao analisar casos semelhantes nos mostra que:

O belo filme *Tempos Modernos* de Charles Chaplin, traz essa discussão. A atividade continuada, o reducionismo, a transformação do homem em máquina - exige-se apenas a disciplina desumana e a precisão do movimento, não a criatividade, e as pessoas submetidas a esse tipo de rotina perdem com o tempo a capacidade de reflexão. (Chalita, 2001, p. 53)

O ser humano neste contexto apresentado por Chalita, vem sofrendo um intenso processo de desumanização, valores primordiais e intrínsecos do homem são descartados ou substituídos como realidades ilusórias, frutos de processos educativos primitivos ligados a estruturas mítico-religiosas como, por exemplo, as ideias de realização humana através de

⁶ Grifos nossos.

reforma íntima (Camargo, 2011), além desta, identificamos outras situações onde não se observou a valorização do ser humano conforme reza a primeira finalidade da educação brasileira, vejamos o caso Prata, jovem de 18 anos pedira a seus pais que a transferisse da escola onde estudava, apesar de reconhecer ser a melhor da cidade; não suportava mais. Desde que havia mudado de escola visando um melhor ensino, uma melhor preparação para o concurso vestibular que se aproximava, não conseguia se adaptar, não conseguia acompanhar o ritmo imposto pela maioria dos professores, sentia-se só, sem estímulos. Segundo nos relatou em:

- Eu não conseguia entender as explicações, não sei se era porque eu tinha estudado em uma escola do Estado, mais acho que não! O problema era que ninguém me ajudava, nem os colegas, nem a maioria dos professores, todos estavam sempre muito ocupados, acabei ficando sozinha. Minhas notas começaram a cair, fiquei com medo de ser reprovada, e pior, não passar no vestibular! Para piorar, o professor de Física passou um trabalho que tinha que ser apresentado sobre um assunto que eu não conseguia entender, o livro era difícil de entender e o professor não me ajudava, ele chegava na sala, ficava lá na frente, falava, falava e não dava espaço pra gente perguntar, além do mais, todo aquele clima me deixava envergonhada, como ir pra frente da sala sem pagar um baita mico? Não podia me sujeitar àquela situação humilhante... estava atormentada com o vestibular que estava próximo e comecei a perceber que não estava preparada para enfrentar as provas.

Podemos perceber que lhe faltava equilíbrio emocional necessário para aquele momento e orientações que a ajudassem a superar seus problemas de relacionamento. Durante nossos estudos observamos que é cada vez mais comum encontrarmos escolas que anunciam grande número de aprovações nos concursos, esquecem os outros aspectos e finalidades da educação e concentram-se apenas na terceira finalidade da educação. Estas escolas, não são, como muitos pensam, apenas as escolas técnicas ou profissionalizantes; mas, em geral, as que têm como alvo central à aprovação em concursos como já citado.

Percebemos que alguns pais matriculam seus filhos nestas escolas e pressionam as direções das para que o conteúdo do livro seja visto em sua totalidade como nos relatou o pai de Prata: “- Quando coloquei minha filha em uma escola particular foi porque eu queria que ela passasse no vestibular, fiz muitos sacrifícios para isso! Então eu a cobrava! Ora paguei caro, então queria resultado!”. Ao questionarmos sobre as dificuldades apontadas por Prata. nos disse: “- Isso é um detalhe, se ela tivesse estudado um pouquinho mais tudo iria se resolver!” Percebemos que este pai aparenta desconhecer que existem coisas mais importantes a serem trabalhadas na vida do educando; no caso, a sua filha, é Chalita novamente que nos mostra que ensinamentos essenciais:

Como a formação da pessoa, do equilíbrio, do preparo para o mercado de trabalho, sim, mas antes e principalmente para a vida em todos os seus aspectos. De nada adianta ser o aluno mais bem colocado na melhor faculdade se não lhe foi inculcida a maturidade para enfrentar os problemas concretos. Se não houve o desenvolvimento da habilidade social e emocional, tudo de mais importante para o jovem se reduzirá a uma busca estéril por boas colocações por meio da mais insana competitividade. (Chalita, 2001, p. 58)

É relativamente fácil ao observador identificar casos como o de Ouro, Prata e Marcelo que ilustram as considerações de Chalita; nestes casos, o ter foi priorizado em detrimento do ser, onde o ter conhecimentos é mais importante do que estar preparado para a vida, em outras palavras não observou-se o pleno desenvolvimento do ser humano. Ao ser questionada sobre esta situação, quando apresentamos nossas reflexões sobre os problemas enfrentados pelos educadores e como a afetividade inter e intra-relacional ajudaria a solucionar muitos destes problemas, a professora Cobre teceu os seguintes comentários:

- “Na hora em que o aluno vai prestar um exame vestibular, vão questioná-lo sobre os problemas da Física e da Matemática, e não sobre seus próprios problemas. Pedirão que ele disserte sobre fatos históricos ou sociais, e não sobre suas decepções; por isso preparo meus alunos para serem alunos de qualidade. Os pais nos têm dado total apoio.”

Sem formarmos juízo de valores, percebemos no relato que a professora Cobre não apresentava má vontade ou descaso para com as emoções dos educandos, o que ocorre é que a própria conjuntura educacional como vimos, favoreceu a formação deste modo de pensar⁷. Marcelo como podemos abstrair era considerado um excelente educando, enquanto Ouro e Prata passaram a ser denominadas como educandas de baixo rendimento, especificamente devido a notas baixas. Outra coisa que observamos foi que por trás de vários “alunos problemas” o que existe é um choque entre os saberes técnicos/teóricos do livro didático, do professor, dos diversos instrumentos de ensino utilizados pelo professor e pela escola, com os conhecimentos que o educando traz de outras séries, adquiridos por métodos próprios, como: leituras, TV, internet...,

Neste aspecto, identificamos uma outra situação que destaca como a não formação plena do ser humano interfere no contexto educacional dos educandos. Analisemos o caso de Bronze, estudante da primeira série do Ensino Médio, ao ser questionado se gostava de estudar História

⁷ Aluno de qualidade é o aluno que possui sempre notas altas, é disciplinado, não faz bagunça, que aprende fácil o conteúdo ministrado e que possui alto grau de adaptabilidade às imposições pedagógicas da escola. Em síntese, que possui alto QI

deu-nos a seguinte resposta: “- Eu não gostava não, o professor era muito devagar, a aula era chata”. Pedimos que nos explicasse melhor, então complementou:

- “Ora, o professor era devagar porque ele ficava explicando a mesma coisa várias vezes e isso era chato, outra coisa era que ele só ficava repetindo o que tinha no livro, aquilo eu já sabia, eu já tinha lido em casa, e tem mais, lá em casa eu tenho internet, eu leio jornal sabe?, ele não trazia novidades e na hora da prova era só decorava, e eu sempre fui ruim para decorar as coisas, por isso minhas notas não eram muito boas; ai ele ficava reclamando de mim, dizendo que eu só fazia bagunça nas aulas⁸.”

Perguntamos-lhes se sentiu-se prejudicado, ao qual nos respondeu:

- “Sim, ele não sabia avaliar não, se ele soubesse elaborar melhor as perguntas garanto que as minhas notas eram melhores, veja as minhas notas de Literatura, sempre foram boas, a professora deixa a gente apresentar os trabalhos através de teatros, de paródias, em resumo, ela deixa a gente criar...”

Bronze é fruto de uma geração que pensa num ritmo muito mais acelerado que as gerações anteriores. A avalanche de informações é fenomenal, e isto faz com que os educadores tenham diminuída a sua capacidade de influenciar o mundo psíquico dos jovens. Muitas vezes os educadores precisam gritar, bater no quadro para conseguir um mínimo de atenção. A respeito deste tema, Cury tece os seguintes comentários:

A maior consequência do excesso de estímulos da TV é contribuir para gerar a Síndrome do Pensamento Acelerado – SPA. Nunca deveríamos ter mexido na caixa preta da inteligência, que é a construção de pensamentos, mas, infelizmente mexemos. A velocidade dos pensamentos não poderia ser aumentada cronicamente. Caso contrário, ocorreriam uma diminuição da concentração e um aumento da ansiedade. É exatamente isso que está acontecendo com os jovens. A ansiedade da SPA gera uma compulsão por novos estímulos, numa tentativa de aliviá-la. Embora menos intenso, o princípio é o mesmo que ocorre na dependência psicológica das drogas. Os usuários de drogas usam sempre novas doses, para tentar aliviar a ansiedade gerada pela dependência. Quanto mais usam, mais dependentes ficam. Os portadores de SPA adquirem uma dependência por novos estímulos. Eles se agitam na cadeira, têm conversas paralelas, não se concentram, mexem com os colegas. Estes comportamentos são tentativas de aliviar a ansiedade gerada pela SPA. A educação está falida, a violência e a alienação social aumentaram, porque, sem perceber, cometemos um crime contra a mente das crianças e dos adolescentes. Tenho convicção científica de que a velocidade dos pensamentos dos jovens há um século era bem menor do que a atual, e por isso o modelo de educação do passado, embora não fosse ideal, funcionava. Precisamos de um novo modelo de educação. (Cury, 2010. P. 59)

⁸ Procuramos o referido professor para entrevistá-lo, afirmou-nos que não queria conversar sobre o fato, alegou falta de tempo.

Os argumentos de Cury são extremamente coerentes quando confrontados com casos como o de Bronze, que são a cada dia mais comuns em todos os níveis de ensino. Cury, de forma objetiva, nos apresenta uma hipótese extremamente lógica que demonstra a ideia de que os educandos cada vez mais se tornam máquinas do aprender. O mesmo ocorre quando a turma não consegue acompanhar o ritmo do professor. Muitas vezes no afã de completar o conteúdo do livro, o professor trabalha muitas informações diferentes sem oferecer o tempo necessário para que os educandos reflitam sobre os novos conhecimentos, gerando um atropelo das informações. Por mais bem explicado tenha sido o assunto, o resultado final geralmente não é satisfatório, gerando uma antipatia dos educandos para com a disciplina e para com o próprio professor.

Nós somos exemplo desta situação, no sentido de que antes de refletirmos entorno destes casos, estávamos preocupados em vencermos o conteúdo de qualquer modo. Assim, poderíamos dizer que literalmente jogávamos o conteúdo para os educandos. O resultado direto era que os educandos em sua maioria não conseguiam acompanhar o ritmo das informações ministradas. Vejamos o que nos relatou Esmeralda: “- Sinceramente, eu detestava suas aulas, você era exigente demais e dava muito conteúdo, às vezes não dava tempo da gente aprender!” Poderíamos dizer que a síndrome do pensamento acelerado neste caso era nossa como professor.

Ao analisarmos casos como os apresentados até o momento e de como a primeira finalidade da educação, a plena formação do ser humano foi preterida em relação a uma pura e simples acumulação de informações, recorreremos a Pinsky & Pinsky ao nos revelar que:

... só uma educação de qualidade, que tenha o ser humano e suas realizações como eixo central, pode nos fazer, como nação, dar o salto qualitativo a que tanto aspiramos, por meio da qualificação de nossos jovens. Um país cuja população não sabe ler, que, quando sabe lê pouco, e quando finalmente lê, pouco entende, não tem muitas chances num mundo competitivo e exigente de qualificação de sua força de trabalho. (Pinsky & Pinsky, 2003, p. 21)

Concordamos com Pinsky & Pinsky, ao nos alertar para a necessidade de uma reavaliação nas propostas educacionais dos dias atuais. Sendo assim, precisamos proceder a uma releitura dos diversos mecanismos educacionais que são utilizados em nosso cotidiano.

Um olhar educativo sobre a vivência do lazer

Trata-se de um posicionamento baseado em duas constatações: a primeira, que o lazer é um veículo privilegiado de educação; e a segunda, que para a prática positiva das

atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo à iniciação, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, com o enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação. Verifica-se, assim, um duplo processo educativo – o lazer como veículo e como objeto de educação. (Marcellino, 1987, p. 59)

Se precisássemos sintetizar as ideias que justificam a produção deste artigo, não teríamos a menor dificuldade em afirmar que as palavras de Marcellino colocadas acima cumprem de forma perfeita esta missão, já que entendemos ser o lazer “um veículo privilegiado de educação” e ao mesmo tempo compreendemos o essencial papel da educação para a vivência consciente do lazer. Após analisarmos na seção anterior algumas situações/problemas enfrentados pelos educadores e educandos na atualidade, passaremos nessa seção, a refletir sobre a importância de uma educação para o lazer como mecanismo efetivo de prática e vivência do primeiro objetivo da educação brasileira. Para tanto, refletiremos em torno de um provável conceito de lazer, apontando sua relação direta com os processos educacionais.

Desde Dumazedier (1976, 1979 e 1980) até Parker (1976), de Cavalcanti (1984 e 1986) até Marcellino (1986, 1987 e 1996) passando por Camargo (2017), todos são unânimes em um ponto, é extremamente complexo conceituar o lazer de modo preciso devido segundo Marcellino “pela falta de consenso sobre o seu significado, quer ao nível do senso comum, quer entre os estudiosos do assunto ou técnicos que atuam na área” (Marcellino, 1987, p. 20). Quando questionamos às pessoas sobre o que é lazer, teremos as mais diferentes respostas, o que torna ainda hoje conceituá-lo “uma tarefa não grata” como espessavam-se os tradutores do passado ao defrontarem-se com uma obra polêmica. Numa tentativa de facilitar a vida dos estudiosos e profissionais da área, produziram-se diversos conceitos que no século passado satisfizeram; contudo, processos como a globalização das economias e das sociedades conseguiu desmontar ideologias as mais diversas, tornando-os ate certo modo impreciso diante das realidades atuais. Provavelmente um dos conceitos mais conhecidos foi-nos apresentado por Dumazedier em sua obra: “Sociologia Empírica do Lazer” de 1976:

O Lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (Dumazedier, 1976, p. 34)

Entendemos que Dumazedier não contava com o advento de “uma avalanche” de publicações de cunho orientalista a partir da década de 90 do século passado, onde o termo

repousar, antes de definição bem ampla, passou a ser entendido em dois eixos temáticos e distintos, sendo: primeiro, o momento no qual o indivíduo repõe as energias gastas durante suas atividades cotidianas (trabalho, estudo, bricolagem⁹ ou atividades outra que exijam um mínimo de obrigatoriedade); segundo, momento de relaxamento, de meditação, de visualização, de viagem interior, muitas vezes orientadas por especialistas.

Tanto Cavalcanti (Cavalcanti, 1986) quanto Marcellino (Marcellino, 1987) chamam a atenção no sentido de que descanso é um direito do indivíduo, o que nos conduz ao entendimento de que tempo de descanso necessariamente não deve ser considerado tempo disponível, sendo assim não é tempo livre, sendo este tempo não computado como lazer, “O tempo livre deverá ser usado para o consumo, para o prazer, para a satisfação” (Cavalcanti, 1986, p. 25). Não o simples consumo usado como fuga, fonte de alienação, mas o consumo que observa os conteúdos culturais do lazer que é atitude, como um estilo de vida, independente de um tempo determinado (como a frequência a produções culturais, bibliotecas, parques,...). (Marcellino, 1987)

Aprofundando essas reflexões vejamos o que nos diz Cavalcanti:

Do ponto de vista político, as atividades físicas de tempo livre, tais como são utilizadas e difundidas hoje, são, antes de tudo o principal meio ideológico de fuga da realidade. Nesse sentido, sistema precisa promover essas atividades a fim de preservar a capacidade do indivíduo para o trabalho, uma vez que *a atividade muscular é um bom substituto para a atividade mental e crítica*. A predominância de atividades físicas e esportivas na ocupação do tempo livre implica decisivamente na expansão do fenômeno de despolitização da juventude e, conseqüentemente, das massas, pois as técnicas do corpo e o esporte têm por função neutralizar intelectualmente o indivíduo. (Cavalcanti, 1984, p. 64)

Cavalcanti deixa-nos de forma clara que a sociedade brasileira é ainda uma sociedade despolitizada, levando o indivíduo de uma repressão aberta, para a autorrepressão velada, tolhendo o lazer enquanto fenômeno social, já que implica na não concretização do processo de participação social consciente. Desse modo e:

No caso específico do lazer, o indivíduo não sabe o que fazer de si mesmo, como utilizar com algum sentido o seu tempo livre. Há um anseio generalizado por tempo livre e, ao mesmo tempo, pela passividade. A publicidade apela para esse desejo, oferecendo inúmeros produtos eletrônicos, cuja ênfase está no conforto. (Cavalcanti, 1986, p. 27)

⁹ É comum encontrarmos pessoas que se utilizam da bricolagem não como passa tempo, mas como forma de economizar-se as finanças que se tornam a cada dia mais exíguas, retirando o sentido de “passa tempo” como era apresentado anteriormente.

Essa não consciência seria então consequência direta desta sociedade despolitizada, assim, podemos abstrair que através da vivência de um lazer consciente poder-se-ia minorar este quadro. Pois entendemos que o lazer consciente compreende ações formadoras de um novo homem para uma nova sociedade, construída a partir da interação lúcida destes mesmos homens transformando a sociedade de modo a tornarem-na mais justa, por conseguinte mais igualitária. Partindo desta proposição, o conteúdo cultural do lazer: "... deve se caracterizar como um instrumento de autodefesa, no qual o indivíduo poderá compreender sua própria realidade e se organizar coletivamente para buscar alternativas de satisfação para as suas necessidades". (Cavalcanti, 1986, p. 31)

Mais adiante complementa:

A partir daí será então possível a conquista do lazer, enquanto desenvolvimento individual e social, através das relações que o indivíduo possa estabelecer com a natureza, com os outros, consigo mesmo e com a sociedade como em todo. (Cavalcanti, 1986, p. 31)

Partindo dessas reflexões, as atividades que mesmo consideradas como lazer conforme Dumazedier e vistas anteriormente, se não constituírem atividade que promova a valorização e crescimento do indivíduo, podem ser consideradas como antilazer. Citando Parker, Cavalcanti nos mostra o antilazer como:

[...] atividade que é compreendida compulsivamente, meio e não fim em si mesma, a partir de necessidade, com alto grau de pressões impostas de fora para dentro, considerável ansiedade, alto grau de preocupação com o tempo, com um mínimo de autonomia pessoal e que impede a autorrealização e autenticidade. (Cavalcanti, 1984, p. 67)

Torna-se desse modo perceptível a urgência de uma releitura nas relações entre educação e lazer, primeiro pelo direcionamento que principalmente as instituições privadas de ensino veem tomando nos últimos anos em relação às suas prioridades ao "educar", segundo, pelo sentido (ou falta de sentido) que os governos veem dando à prática do lazer.

3.2 Por uma educação para o lazer

O mais importante não é que as pessoas frequentem os parques, as praias e as bibliotecas, mas que usem o seu lazer de maneira gratificante e criativa - com ou sem os recursos apresentados pela sociedade. (Parker, 1976, p. 114)

Levantamentos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos demonstram que o interesse e a participação em muitas atividades de lazer, especialmente as artes e as iniciativas culturais, relacionam-se intimamente à extensão da educação que as pessoas receberam. (Parker, 1976, p. 111)

Ao analisar o lazer e as suas relações com outras esferas da vida em seu “A Sociologia do Lazer”, Parker (1976) nos mostra que conforme a educação que as pessoas recebam maior o seu interesse e a sua participação em atividades de lazer, especificamente as atividades culturais, sendo assim, a educação sustentada em seu primeiro objetivo, deve preocupar-se com a vida recreativa do educando, preparando-o para vivenciar seu tempo livre de maneira sensata e construtiva, para isso a escola deve preocupar-se de forma direta em explorar o papel do lazer na vida dos educandos através de experiências que conduzam a um “aprendizado em uma ampla variedades de habilidades e interesses úteis para o enriquecimento de ocupações recreativas duradouras” (Parker, 1976, p. 117). Devem os educandos aprender a vivenciar as atividades de lazer de forma sadia, enriquecedora, honesta e criativa, assim suas vidas serão de fato vidas. Ao citar Brightbill nos diz que:

Ele afirma que a educação para o lazer é um processo lento e seguro, envolvendo a transmissão de aptidões e a boa vontade em exercê-las. O lazer pode contribuir para outros objetivos educacionais – compreender o mundo, obter saúde e estabilidade emocional, apreciar e expressar a beleza... é um elemento revitalizador no próprio processo da educação. ... a escola terá que abandonar sua política tradicional de isolar a educação para o lazer na ilha das atividades extracurriculares e trazê-lo para o continente do próprio currículo escolar. (Parker, 1976, p. 115)

A questão é bem mais complexa do que se pode imaginar, pressupõe mudanças estruturais nos modelos educacionais existentes no Brasil atualmente, uma verdadeira revolução no paradigma cultural da educação brasileira, Segundo Camargo:

[...] a educação para o lazer consiste, assim em antes de mais nada estimular a produção cultural própria, ainda que diletante: a prática de esportes, ginástica de atividades manuais, a redação de cartas, contos, poesias, romances, peças de teatro, a composição musical, a fotografia, etc... (Camargo, 2017, p. 84)

Podemos afirmar que a educação para o lazer é a própria educação prática para a vida, de forma consciente, de forma integral, holística. Para Requixa: “a importância de ser o homem educado para racionalmente preparar para si mesmo uma arte de viver, em que não perca o equilíbrio necessário entre o trabalho e o lazer, e em que se antecipe a vida de lazer” (Requixa, 1980, p. 59). Desse modo para este autor a educação para o lazer consiste “no aprendizado para

o uso do tempo livre” (idem, p. 28), contra uma cultura alienante, consumista e desenvolvimentista. É ainda Parker que nos esclarece que o aspecto ... prático dessa filosofia educacional consiste em preparar os jovens nas escolas para os tipos de experiências de lazer que lhes são e serão oferecidas no decorrer da vida. (Parker, 1976, p. 110) ... é desenvolver a personalidade e, neste sentido, os objetivos do lazer e da educação se harmonizam. (idem, 1976, p. 112)

Tudo o que foi apresentado até o momento só poderá concretizar-se quando a escola tomar consciência de seu real papel no processo de formação do ser humano de forma holística, como formadora de opinião, núcleo de cidadania e democracia. É Marcellino quem nos alerta que: “Se a escola e os ambientes ditos educacionais não cumprirem mais o seu papel de formadores de opinião, a função educativa do lazer perde o sentido, sendo assim precisamos rever as finalidades formadoras tanto da educação quanto do lazer” (Marcellino, 1986, p. 22).

Contudo existe uma série de dificuldades e condições a serem superadas tanto pela escola quanto pelos educandos. Vejamos apenas alguns exemplos: Condições de ordem financeira, já que o acesso à cultura é ainda vedado a muitos brasileiros, o acesso a livros, por exemplo, requer um certo malabarismo financeiro em nosso país, mesmo assim, o que se lê, lê-se de péssima qualidade. Condições de ordem social, àqueles que moram em determinados bairros. Condições intelectuais, quem não conhece a história da composição “cálice” de Chico Buarque? As beatas nas igrejas cantando em altos tons, o cálice do Santíssimo Sacramento, enquanto Chico criticava a repressão, a capacidade intelectual do brasileiro nunca esteve tão em baixa, independente do sistema avaliativo usado para este fim os resultados têm sido os mesmos, os educandos saem do Ensino Fundamental em péssimas condições de aprendizagem, e chegam ao Ensino Médio sem a maturidade necessária para desenvolver as habilidades necessárias para o seu sucesso como ser humano, como cidadão e como profissional habilitado para o mercado de trabalho; por conseguinte, este jovem quando consegue chegar à universidade não possui o senso crítico necessário para as produções de conhecimento que a vida acadêmica lhe exige.

Acreditamos que o cerne de toda esta problemática reside no fato de como a escola pode oferecer algo relevante para o educando (desde o alfabetizando ao universitário), se a estrutura escolar não considera como sendo relevante em sua vida. Parker conseguiu sintetizar de forma brilhante ao afirmar que:

Uma das maiores dificuldades para a elaboração de uma política educacional para o lazer é como tornar o conteúdo desses cursos relevante para a vida e os interesses dos

estudantes, dentro de um contexto que visa preservar e, se possível, a incentivar valores que se creem importantes para todos aqueles envolvidos (a longo prazo, se não de imediato). (Parker, 1976, p. 117)

4. Considerações Finais

Toda conclusão é inconclusa, pois que o conhecimento não para e as conclusões que chegamos hoje com toda certeza não serão as mesmas que chegaremos daqui a alguns anos, em todo caso pretendemos neste estudo promover reflexões em torno de nosso olhar sobre a educação analisando a finalidade da educação brasileira e de como se faz necessária a reavaliação da concepção de lazer como instrumento de consolidação destas finalidades e sobre as vivências educacionais praticadas nas instituições de ensino como ambientes despolitizantes e desestruturadores da consciência de ser do cidadão. Neste sentido, entendemos ser o lazer “um veículo privilegiado de educação” e ao mesmo tempo compreendemos o essencial papel da escola para a promoção da vivência consciente do lazer por parte dos educandos.

Assim, para a prática e vivência do primeiro objetivo da educação brasileira que é a formação integral do ser humano, compreendemos a importância de uma educação para o lazer como mecanismo de efetivação deste processo.

Diante de tal cenário, é prudente que se pense em possibilidades de construção teórica de alguns instrumentos de aplicabilidade de atividades que integrem o Lazer como caminho para uma educação efetiva.

Referências

Antunes, C. (1999). Alfabetização Emocional: Novas estratégias. Petrópolis, RJ: Vozes.

Antunes, C. (2002). As Inteligências múltiplas e seus estímulos. (8a ed.). Campinas – SP: Papirus.

Aranha, M. L. de A. (2006). História da Educação. (3a ed.). São Paulo: Moderna.

Brasil. (1997). Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20/12/1996 – Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas.

Brasil. (2002). Constituição da República Federativa do Brasil. (5a ed.). Brasília: Senado Federal: Subsecretaria de Edições Técnicas.

Camargo, J. (2011). Educação dos sentimentos. Porto Alegre – RS: Letras de Luz. Formato digital

Camargo, L. O. L. (2017). O que é Lazer. (3a ed.) São Paulo: Brasiliense, 2017. (Coleção Primeiros Passos, v. 172)

Cavalcanti, K. B. (1984). Esporte Para Todos: Um Discurso Ideológico – São Paulo: IBRASA. (Biblioteca Didática).

Cavalcanti, K. B. (1986) Tempo livre, Lazer e luta ideológica. Reflexão. Campinas: Instituto de Filosofia e Teologia. PUC, ano XI, nº 35, Mai/Ago/1986. 24/32.

Chalita, G. (2001). Educação: A solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente.

Cury, A. (2010). Pais brilhantes, professores fascinantes – Rio de Janeiro: Sextante. Formato digital

Dumazedier, J. (1976). Lazer e Cultura Popular – São Paulo: Perspectiva.

Dumazedier, J. (1979). Sociologia Empírica do Lazer – São Paulo: Perspectiva.

Dumazedier, J. (1980). Planejamento do Lazer no Brasil: a Tória Sociológica da Decisão – São Paulo: SESC-CODES/DICOTE-CELAZER.

Freire, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática Educativa – São Paulo: Paz e Terra, 2011 (coleção leitura). Formato digital.

Koche, J. C. (2011). Fundamentos de metodologia científica. Petrópolis: Vozes.

Marcellino, N. C. (1986). Considerações sobre valores expressos por autores brasileiros na relação lazer-trabalho. Reflexão. Campinas: Instituto de Filosofia e Teologia. PUC, ano XI, nº 35, Mai/Ago/1986. 15/23.

Marcellino, N. C. (1987). Lazer e Educação – Campinas, SP: Papirus.

Marcellino, N. C. (1996). Estudos do Lazer: Uma Introdução – Campinas, SP: Autores associados. (Coleção Educação Física e Esportes).

Parker, S. (1976). A Sociologia do Lazer – Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Pereira, A. S., et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM.

Pinsky, J., & Pinsky, C. B. (2003). O que é e como ensinar: Por uma História prazerosa e consequente. In: Karnal, L (org). (2003). História na sala de aula: Conceito prático e propostas (6a ed.), São Paulo: Contexto.

Platão. (2000). Diálogo VIII, A República. São Paulo: Martin Claret.

Requixa, R. (1980). Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer, São Paulo: SESC.

Tripp D. (2005). Educação e Pesquisa, São Paulo, 31(3), 443-466.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

João Enzio Gomes Obana - 50%

Carmen Célia Barradas Correia Bastos - 50%